

## DOUTOR SHUJIRO

Cerca de meio século atrás, no salão do júri do fórum local, ocorreu o julgamento de um homicida, que tinha matado, a facadas, por questões de divisa, um seu vizinho. Na acusação funcionou o promotor Dr. Elias Ferreira Bedê, homem boníssimo, culto, cheio de filhos e alegria, que foi Presidente do Clube Recreativo e Literário. Na defesa estava o Dr. Valentim Gentil, líder político de renome estadual. Os dois eram amigos fraternos e figuras exponenciais da sociedade. Numa luta de gigantes, no final o réu foi absolvido. Durante os debates, o Dr. Valentim citou várias vezes o grande penalista italiano, Giuseppe Tedeschini, autor de livros de direito, luminar da ciência jurídica daquele país e professor das Universidades de Roma e Milão. Os argumentos do Dr. Bedê eram rebatidos, com veemência, pelo defensor que, invocava a autoridade e os ensinamentos do célebre Tedeschini. A todo momento, o Dr. Valentim se opunha dizendo:

Como ensina o renomado penalista italiano; como pontificou o preclaro Tedeschini às fls. 204 de sua obra magnífica; não é bem assim como afirma o Dr. Promotor, pois o jurista italiano tem opinião contrária. Na tréplica, nos apartes, o defensor citou dezenas de vezes o famoso mestre.

Quando o julgamento terminou, o Dr. Bedê perguntou ao Dr. Valentim:

- Quem é Giuseppe Tedeschini a quem você se referiu durante todo o julgamento? Nunca ouvi falar dele. Nem sabia que existiu tal penalista.

Rindo, o advogado retrucou: O Tedeschini não é jurista coisa nenhuma. É um italiano, amigo meu, que mora e tem um pequeno sítio em Nova América. É um bom homem, mas analfabeto de pai e mãe. Mas, deixa prá lá que o julgamento já terminou e o réu está na rua, em parte, graças às lições do renomado cultor do direito...

Por um visão estrábica da vida, durante a mocidade, nunca tolerei qualquer estrangeiro, por causa de falsas idéias nacionalistas. Qualquer homem de outro país era usurpador, incompetente, merecendo repúdio. Abominava principalmente os japoneses, que achava feios, pequenos e inferiores. Um dia fui a um festa na cidade de Taquaritinga, numa "república", onde morava meu tio Juca. O dia já estava nascendo e lá só estavam cerca de 40 moços, todos bêbados. Estupidamente, resolvemos brigar, a socos, pontapés e rasteiras, onde todo mundo distribuía pancada e porradas. De minha parte, parti para cima de um japonêsinho chamado Fukuda, de 1,60 metros de altura e 50 quilos de peso. Com meus 1,85 metros e 100

quilos, me considerava um gigante invencível. Dei-lhe um formidável soco, mas não encontrei o miserável. Mercê de um golpe de judô, passei sobre sua cabeça e estatelei no chão cimentado. Já meio esfolado, levantei como um touro bravo e caí de novo. O nipônico, liso e rápido, me premiou com meia dúzia de humilhantes tombos. Perdi a briga, enfiei a viola no saco e fui passar iodo nos ferimentos. Minha vaidade ficou a zero e passei, desde então, a respeitar qualquer antagonista. Com relação aos japoneses, minha admiração é incondicional, pois eles são cultos, seguros, humildes, trabalhadores e disciplinados, vindo daí sua supremacia entre as nações. A tal ponto vai o sentido de dever e honra que muitas crianças suicidam, quando fracassam nas escolas.

Os dois fatos referidos - jurista italiano "criado" pelo Dr. Valentim e a surra que sofri em Taquaritinga me deram uma ótima lição de vida e humildade.

É sabido que todas as crianças, aliás, todas pessoas, não gostam de ser mandadas. Quando qualquer dos filhos, esposa ou mesmo cliente estavam querendo fazer algo errado, para não dar-lhe ordens ásperas e diretas, criei a figura do DR. SHUJIRO UTIKAWA, membro das Universidades de Tóquio e

Osaka, sábio muito respeitado no País do Sol Nascente, por sua cultura imensa e reconhecido bom senso.

Quando queria orientar, ensinar, admoestar, mostrar o caminho certo, nunca dei uma ordem imperativa. Com voz branda, apenas dizia: - O Dr. Shujiro, professor emérito não pensa dessa forma. O nome Shujiro lembra sugestão, opinião, modo de ver. Em nenhuma hipótese, me opunha frontalmente à pretensão descabida. Quando um filho queria gazetear a aula, eu dizia com expressão suave: o doutor Shujiro acha que o dever do aluno é freqüentar a escola. E assim por diante: Dr. Shujiro entende que não se deve beber álcool com o estômago vazio; ninguém pode dirigir o automóvel em estado de embriaguez, porque se perde a coordenação motora; não se deve gastar mais do que se ganha, pois além da dívida vem a vergonha; a má companhia corrompe a gente; sem disciplina não se consegue nada; não se deve namorar mulher casada pois o marido acaba ficando bravo.

E assim vivi com o auxílio inestimável do sábio japonês, dono de uma das maiores culturas do Japão, haurida nas universidades em que lecionou.

Mas, vou parar por aqui, pois uma vizinha com sotaque está dizendo ao meu ouvido, com insistência:

- Rubão, convém parar de escrever. Sugiro o ponto final, pois quem escreve comprido se torna chato e acaba explodindo o saco do venerável leitor.